

TAKEO SAWADA: UMA ANÁLISE DE SUA PRÁTICA DOCENTE NO CURSO “PINTURA INFANTIL COM CRIATIVIDADE” EM PRESIDENTE PRUDENTE

Denise Penna Quintanilha¹, Zenilda Alexandre Pasquini²

¹ Graduada em Pedagogia pela Faculdade Nossa Senhora Medianeira (SP) e em Arte pela Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE. ² Professora da Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE.

TAKEO SAWADA: A PRÁTICA DOCENTE

RESUMO

A presente pesquisa objetivou a elaboração de uma análise dos métodos didáticos utilizados pelo artista em seu curso “Pintura infantil com criatividade” e sua importância para a região. A questão da Arte-Educação tem sido colocada com destaque no do sistema de ensino no Brasil e muito pode contribuir a análise dos métodos de um dos professores de Arte mais conceituados na região de Presidente Prudente, cuja memória poderá se perder pela falta de um registro apropriado. Os objetivos principais foram o resgate e a identificação dos métodos de ensino de Arte utilizados pelo artista e Arte-educador Takeo Sawada valorizando sua obra e experiências pedagógicas e a análise de sua metodologia, contextualizando-a na prática pedagógica atual. A pesquisa foi realizada com 10 ex-alunos, familiares e amigos da região de Presidente Prudente e a metodologia empregada foi o estudo de caso, através de análise documental e entrevista focalizada. Pode-se observar que sua atitude com os alunos baseava-se numa presença sutil e às vezes até despercebida que, atento às dificuldades, não apontava diretamente a solução, mas levava o próprio aluno a descobri-la. Espera-se com esta pesquisa evidenciar uma linha de conduta pedagógica que possa servir de estudo para a formação de futuros Arte-educadores.

Palavras-Chave: Arte-educação, Takeo Sawada, prática pedagógica, formação de professores.

TAKEO SAWADA: AN ANALYSIS OF HIS TEACHING PRACTICE IN THE "PAINTING CHILDREN WITH CREATIVITY" COURSE IN PRESIDENTE PRUDENTE

ABSTRACT

This research was made for developing an analysis of teaching methods used by the artist in his "Painting Children with creativity" course and their importance for the region. The Art Education issue has been placed in high priority within the education system in Brazil and it can greatly contribute to the analysis of the methods of the most respected Art teachers in the Presidente Prudente region, whose memory will be lost for lack of proper recording. The main objectives were the recovery and identification of methods of teaching Art used by the artist and art educator Takeo Sawada highlighting his work and teaching experience and analysis of its methodology, contextualizing it in the current teaching practice. The research was conducted with 10 former students, family and friends from Presidente Prudente and the methodology employed was the case study, through records and interviews focused. It can be observed that his attitude towards the students was based on a subtle and sometimes unnoticed presence that, given the difficulties, did not point directly to the solution but it made the student discover it. It is hoped that this research shows a pattern of conduct that can serve as educational scholarships for the training of future art teachers.

Keywords: Art education, Takeo Sawada, pedagogical practices, teacher training.

INTRODUÇÃO

Uma das grandes mudanças no enfoque dado pela educação atualmente passa pela arte e por sua contribuição na busca da construção do conhecimento e formação global do indivíduo. Não mais limitada ao ensino de geometria, trabalhos manuais, música ou canto orfeônico, ou como auxiliar para outras disciplinas “mais importantes” (enfoques dados à Arte nas primeiras décadas do século XX), o ensino de Arte vem sendo compreendido, segundo os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais, como:

Um conhecimento humano sensível-cognitivo, voltado para um fazer e apreciar artísticos e estéticos e para uma reflexão sobre sua história e contextos na sociedade humana. Isso tem interferido na presença, com qualidade, da disciplina Arte no mesmo patamar de igualdade com as demais disciplinas de educação escolar. (PCN, 1999, p. 170)

Também tem sido amplamente debatida a presença da disciplina Arte como agente de formação da cidadania e consciência cultural nas escolas, como afirma Ana Mae Barbosa:

Sem conhecimento de arte e história não é possível a consciência de identidade nacional. A escola seria o lugar em que se poderia exercer o princípio democrático de acesso à informação e formação estética de todas as classes sociais propiciando-se, na multiculturalidade brasileira, uma aproximação de códigos culturais de diferentes grupos. O que temos, entretanto, é o apartheid cultural. Para o povo, o candomblé, o carnaval, o bumba-meu-boi e a sonegação de códigos eruditos de arte...As massas têm o direito a sua própria cultura e também à cultura de elite, da mesma maneira que a elite já se apropriou da cultura de

massa[...]. (BARBOSA, 1999, p. 33)

Considerando as afirmativas, a experiência deixada pelo artista e Arte-educador Takeo Sawada é de grande interesse para a comunidade artística e educacional. Analisar sua proposta pedagógica foi o estímulo gerador para a presente pesquisa que poderá contribuir com a educação por meio da Arte, permitindo, ao acadêmico da área, a aquisição de conhecimentos específicos para atuar em atividade cultural e como profissional no Ensino Fundamental e Médio de nossas escolas.

A metodologia empregada pelo artista/professor Takeo Sawada, em suas aulas de pintura para crianças em Presidente Prudente, durante os anos de 1974 até 2002, sempre foi admirada por pessoas da comunidade envolvidas com arte, ou, simplesmente, apreciadoras do trabalho. O despertar da sensibilidade a partir da observação do mundo e da natureza, o buscar dentro de si mesmo imagens significativas e a interação com o ambiente artístico construído com experiências obtidas pelos próprios alunos foram a base para o desenvolvimento de todo o trabalho artístico-pedagógico desenvolvido por Sawada.

1 Arte-educação no Brasil

Para podermos estudar a prática pedagógica atual e sua importância na formação de parâmetros para novos Arte-educadores, é preciso que se entenda, primeiro, a evolução, as influências e os preconceitos sofridos pela Educação Artística, no Brasil, desde o seu descobrimento.

O ensino de Arte sofreu influências políticas desde o início da colonização. Durante o Império, havia a necessidade de formação de uma elite que defendesse a colônia e movimentasse culturalmente a Corte.

Com a República, o preconceito com o ensino de Arte fica evidente: antes, por ser apenas uma atividade a serviço da futilidade dos nobres e, mais tarde, com a chegada da Missão Francesa, por ter sido colocada em situação de concordância com o Bonapartismo.

Também um preconceito de ordem estética viria marcar o ensino de Arte, pois os membros da Missão Francesa seguiam as orientações da escola Neoclássica e, no Brasil, os artistas vindos da Europa, juntamente com os artistas locais, haviam desenvolvido uma arte predominantemente marcada pelo estilo barroco-rococó. Esta arte, genuína e já bastante desenvolvida, encontrava em seus artistas, gente do povo e escravos, espaço para o desenvolvimento de um estilo próprio.

As novas orientações, trazidas pela escola Francesa e implantadas como que “por decreto” com a inauguração da Academia de Belas Artes em 1816, encontram apoio somente da pequena burguesia: camada intermediária entre a classe dominante e a popular. No texto de criação da Escola de Ciências, Artes e Ofícios no Rio de Janeiro, a arte é caracterizada como um acessório, um instrumento para a modernização de outros setores, e não como uma atividade com importância em si mesma. Houve uma desvalorização do artista em relação a outros profissionais, como os poetas e escritores, por exemplo. O modelo de ensino implantado pelos Jesuítas dava muito mais valor à retórica, à gramática e à dialética, identificando as atividades manuais como um trabalho desenvolvido nas missões indígenas ou no treinamento dos escravos.

Em 1800, o Seminário Episcopal de Olinda, que iria substituir o Colégio Real dos Jesuítas, acrescenta o Desenho em seu currículo, introduzindo o modelo vivo no ensino desta arte. Entretanto, Manoel Dias de Oliveira e seus alunos utilizavam o modelo apenas como ponto de apoio,

e não como desenho de observação. A imagem desenhada obedecia aos padrões de beleza estabelecidos pelo código Neoclassicista europeu. Mais tarde, a Academia Imperial de Belas Artes enfatizaria o estudo do corpo de acordo com os estudos matemáticos de Dürer e Leonardo Da Vinci.

Em 1771, o objeto de estudo do desenho passa a ser a Geometria e, em 1818, criam-se cursos de Desenho Técnico no Rio de Janeiro e na Bahia. O interesse do povo, entretanto, mostrou-se muito pequeno durante todos esses períodos.

Ana Mae Barbosa (2005) atribui esse desinteresse ao sistema implantado pelos jesuítas:

A tradição enraizada no sistema de ensino colonial humanístico e abstrato foi tão persistente que as escolas técnicas fundadas no tempo de D. João VI não determinaram quaisquer transformações sensíveis desta mentalidade, reorientando-a para a ciências e as suas aplicações às atividades técnicas e industriais (BARBOSA, 2005, p. 25)

Os objetivos adotados pela missão francesa serviram apenas de reforço para a idéia de que ensinar arte num país precariamente civilizado parecia ilógico, ficando o ensino de Arte aceito apenas como símbolo de refinamento na educação dos nobres. O desenvolvimento da arte também foi prejudicado pelo fato de que os homens cultos não demonstravam interesse pela arte por medo de se estarem igualando aos escravos na prática de trabalhos manuais. Já os escravos artistas, produziam arte de maneira imposta, não tendo nenhum interesse em aprimorá-la.

O Liberalismo posiciona a educação e a arte como necessárias para a formação da moral. André Rebouças, em 1878, retoma a idéia

Socrática de que “O Bom, o Belo e o Justo formam uma trindade sublime”. O desenho ao ar livre e a cópia da natureza são largamente defendidos pelo pintor alemão Georg Grim em suas aulas no Liceu de Artes e Ofícios.

A proclamação da República reafirmaria os ideais positivistas, rejeitando por completo os ideais artísticos da Missão Francesa e do Neoclassicismo. A Reforma Benjamin Constant prioriza o sentido da ordem e da disciplina como fundamentais para o desenvolvimento da nação, aceitando a arte por imitação dos grandes mestres, centrada no estudo da ciência, e, principalmente, a geometria com extenso conteúdo acadêmico. A observação e a imitação da natureza seria, durante muito tempo, um meio de preservação da ordem moral.

Somente com a chegada dos modernistas, principalmente Lasar Segall e Anita Malfatti, o aspecto psicológico do desenho passou a ser considerado. A arte infantil nas aulas de Anita recebe uma nova abordagem. A espontaneidade e a criatividade ganham espaço e respeito, e a arte é vista como forma de satisfação da estética do homem. A conferência Eptácio Pessoa, em 1920, e a Reforma Sampaio Dória, em São Paulo, 1921, abririam, finalmente, este horizonte para o ensino da arte.

O ideal positivista, entretanto, continuaria ainda valorizando a geometria e o ensino técnico durante muito tempo.

2 A nova concepção de arte na educação e o papel do Arte-educador

A partir da LDB 9.394/96, a disciplina Arte deixa de ser considerada *atividade* educativa, abordagem feita pela Lei 5692/71, e passa a integrar o currículo obrigatório como *disciplina*. Em seu Art. 26, a LDB afirma:

§ 2º O ensino da arte, especialmente em suas

expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. (BRASIL, 1996)

Enxergar a Arte como área de conhecimento, com conteúdos e objetivos próprios e importantes para o desenvolvimento do potencial estético e criador do aluno é fundamental para essa nova visão. Como afirmam Martins, Picosque e Guerra, “a Arte é importante na escola, principalmente, porque é importante fora dela”. (MARTINS, 1998, p. 13).

Mas para que essa mudança efetivamente ocorra, não basta uma reestruturação organizacional, é preciso que se forme um novo perfil de Arte-educador, consciente dos novos objetivos e, imbuído desse novo espírito educacional, que busque atingi-los plenamente.

Assim, o Arte-educador não se restringe à figura do professor de artesanato ou do formador de artistas. Na medida em que a Arte contribui para a formação global de competências e para o desenvolvimento da consciência individual e social do educando, a função de educador deve ser vista no sentido amplo da palavra. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, PCNs, (1997, p. 19), “conhecendo a arte de outras culturas, o aluno poderá compreender a relatividade dos valores que estão enraizados nos seus modos de pensar e agir”, portanto, o educador deve estar atento à formação de seu educando, muito além do sentido prático, mas tendo a arte como meio de expressão e integração da pessoa com o mundo histórico e social.

Herbert Read, em sua proposta de educação pela arte, mostra a importância e a seriedade do educador frente à manifestação artística de seu educando:

O bom professor de Arte sempre levará seus alunos e seus desenhos completamente a sério [...] Essa seriedade surge facilmente no professor quando ele percebe que seu trabalho com as crianças pode, no final, fornecer-lhe a chave para a compreensão da arte no mais amplo sentido[...] O aumento da confiança, a eliminação do medo, a força unificadora do amor e da ternura – são estes os elementos com que o professor deve trabalhar. (READ, 2001, p. 260)

3 Takeo Sawada

Dentro deste contexto histórico educacional, a experiência do artista Takeo Sawada, falecido em 2002, como Arte-educador na cidade de Presidente Prudente, interior de São Paulo, chamou-nos a atenção.

Takeo Sawada realizou seu trabalho de Arte-educação, nas décadas de 70 a 90, em seu curso “Pintura infantil com criatividade” e é lembrado por todos não apenas como um grande artista, mas como um grande mestre que realizou um trabalho diferenciado com as crianças da cidade, durante mais de 20 anos.

A pesquisa foi realizada entrevistando-se 10 ex-alunos, a filha e a esposa de Takeo Sawada. As entrevistas foram semi-estruturadas, apenas com um roteiro de perguntas, mas conduzidas muito mais pela vontade do entrevistado em relatar suas lembranças das aulas do curso de pintura do que pelas próprias questões elaboradas pelo entrevistador. O objetivo principal era obter depoimentos e relatos de experiências das pessoas que conviveram com Sawada, para podermos perceber a relação existente entre ele e seus alunos. Por isso, não tivemos a preocupação com dados estatísticos de respostas realizando-se apenas uma análise interpretativa das entrevistas. A partir dos depoimentos dados por eles, foi possível traçar

um perfil da ação pedagógica do artista e Arte-educador Takeo Sawada no desenvolvimento da sensibilidade e criatividade de seus alunos.

3.1 A Vinda para o Brasil

Takeo Sawada nasceu na província de Ibarake, Japão, em 10 de julho de 1917 e, aos 10 anos, foi vencedor de um concurso de pintura em sua cidade, recebendo o prêmio diretamente das mãos do Imperador.

Por problemas familiares de relacionamento com a nova esposa de seu pai, veio para o Brasil morar com um tio na cidade de Rancharia, interior de São Paulo. Sawada chegou ao Brasil em 1933 tendo, então, 16 anos.

Cinco anos mais tarde, chega também do Japão, a filha do amigo de seu pai, sua prometida Tiyo. Takeo e Tiyo casam-se no dia 25 de agosto de 1939.

Nesta época, Takeo já havia arrendado um sítio no bairro Guarujá, distrito de Pirapozinho, onde plantava algodão. A pintura, entretanto, fazia parte de sua vida apenas como distração nas horas de folga. Apenas a poesia – Haikai (pequena composição poética japonesa formada por versos de 5-7-5 sílabas) o acompanharia sempre; as mais significativas ficaram registradas no livro “Flamboyant”, editado em 1990.

Mas Takeo mostrou-se sempre preocupado, não só com a educação de seus filhos, que precisavam permanecer no internato em Presidente Prudente para poderem estudar, mas com a educação de todas as crianças moradoras da zona rural. Sua esposa revela que existia apenas uma escola construída pelos próprios japoneses nas redondezas do sítio. Lá, projetavam-se filmes uma vez por mês e ensinava-se a língua japonesa aos descendentes, mas não havia educação formal. Takeo liderou uma campanha para a construção de uma escola, que foi entregue à prefeitura de Pirapozinho para que esta enviasse professores capacitados para o

ensino regular. Esta foi, sem dúvida, a primeira manifestação do mestre Takeo Sawada de preocupação e carinho pela educação.

3.2 “Pintura Infantil com Criatividade”

Somente em 1974, depois de vender o outro sítio que havia comprado, desta vez em Presidente Prudente, é que Takeo Sawada inicia suas aulas de japonês e desenho na Associação Cultural Agrícola Esportiva de Presidente Prudente, ACAE, um clube da colônia japonesa na cidade.

“Pintura infantil com criatividade”, assim se chamaria o curso para crianças que, eventualmente, atenderia também jovens e adultos, mas que sempre teria como enfoque principal o público infantil.

Durante as entrevistas, os alunos se lembram de detalhes do lugar e das aulas: “Era uma sala bem grande, cheia de desenhos pendurados na parede...”; “Posso até lembrar do cheiro daquela sala...”; “Subíamos a escada com um balde de água, onde enchíamos nossas vasilhas para lavar os pincéis...” As lembranças parecem estar vivas até hoje na memória dos entrevistados e aparecem carregadas de saudades.

O professor Sawada nunca se preocupou em divulgar seu próprio trabalho. Não gostava de vender seus quadros e poucas vezes realizou exposições, por iniciativa própria, para divulgação de suas obras. Ao invés de vendê-las, geralmente presenteava as pessoas de quem gostava com suas aquarelas.

Também não mostrava grande preocupação com o resultado financeiro de suas aulas. Alunos sem condições financeiras suficientes ganhavam bolsas parciais ou mesmo integrais para que frequentassem o curso. O pouco lucro era investido em livros de arte, nos relata sua esposa. Takeo era autodidata e

gostava muito de comprar livros sobre artistas clássicos.

O curso de arte, que durou cerca 28 anos, foi sua grande paixão. Sentia-se orgulhoso em morar no Brasil e nunca se mostrou melancólico ou desejoso de voltar para sua terra natal. Amava as flores, principalmente o flamboyant, e o incentivo pela arte das crianças era a principal motivação de sua vida.

Quando pela primeira vez voltou ao Japão, enfatizou, novamente, seu amor pelas crianças ao realizar uma exposição de suas pinturas no próprio navio. O fato foi contado por ele mesmo em seu livro de poesias:

Em 1976, depois de 43 anos no Brasil, realizo uma viagem à terra natal, o Japão. Minhas pinturas feitas no Brasil são levadas, juntamente com as das crianças.

No porto de “Yokohama”, cidade em que mora minha irmã mais nova, o navio que me conduziu está atracado no porto. No interior deste navio fixei, numa das paredes, o mapa do Brasil, para fazer a apresentação de nossas pinturas ao público japonês.

O navio branco balançava um pouco. As gaiotas voavam e vinham fazer visita ao navio. Um grande número de pessoas compareceu ao local e todos se admiravam dizendo: “Olha! Tem desenhos das crianças do Brasil” – e ficavam satisfeitos. (SAWADA, 1990, p. 53)

Takeo Sawada morreu no dia 18 de maio de 2002, vítima de um acidente de carro quando ia para Dracena, onde seria jurado de um concurso de desenho infantil.

Pela primeira vez, havia inscrito uma de suas poesias num concurso. Desta vez um Tanka e não um Haikai, como costumava fazer. O Tanka difere-se do Haikai pelo número de sílabas. Segue a métrica silábica de 5 – 7 – 5 – 7 – 7 e não 5 – 7 – 5, como no Haikai. Também é escrita no sentido vertical, uma característica bastante

própria destas poesias. A poesia premiada, que foi traduzida livremente por sua esposa para nós, apenas para que pudéssemos entendê-la, fala sobre o Tuiuiú, ave símbolo do pantanal brasileiro:

“Uma chuva fina cai em cima do igarapé. Escuta-se enevoadado o pássaro que vive no pantanal.”

Sua poesia foi premiada e Sawada recebeu, pela primeira vez em sua vida, um prêmio em dinheiro. Ironicamente, a notícia chegou um mês depois de sua morte. O prêmio foi entregue à família (in memoriam) no dia 18 de julho do mesmo ano.

3.3 Relacionamento com os Alunos no Espaço da Arte

A lembrança das aulas e do mestre aparece sempre como um momento de muita alegria na conversa com os alunos. Chamado carinhosamente de “sensei”, é sempre citado como um amigo, e não simplesmente como um professor.

Os alunos o descrevem como uma pessoa discreta, falando somente o necessário, calmo, dando a liberdade indispensável para que cada um manifestasse sua criatividade; coloca-se sempre no papel de motivador e não de professor autoritário.

Percebe-se claramente uma postura, ainda que inconsciente, totalmente de acordo com os estudos psicológicos e pedagógicos da escola nova, como observado por Herbert Read:

O aumento da confiança, a eliminação do medo, a força unificadora do amor e da ternura- são estes os elementos com que o professor deve trabalhar. [...] As pesquisas convergentes de várias escolas de psicologia moderna estão tornando claro esse fato. (READ, 2001, p. 206)

Oitenta por cento dos entrevistados não conseguiu se lembrar de suas correções ou orientações. Isso mostra o quanto essas orientações eram passadas de maneira natural, e não em forma de “aulas sistematizadas” ou “grandes ensinamentos”.

Somente dois alunos, um que hoje é professor e outro que é artista plástico, conseguem identificar o tipo de correção e orientação dadas.

“Ele aproveitava o raio de luz que entrava pela janela para mostrar o efeito da luz sobre o objeto”, relata um aluno que hoje é professor, mostrando o quão natural eram as orientações dadas.

“Cada uma podia escolher o que queria desenhar [...] colocando um objeto em cima da mesa ou inventando seu próprio cenário [...] eu nunca olhava em nada, gostava sempre de inventar meus próprios desenhos”, relata outro aluno, que hoje é artista plástico e diz que as orientações não o impediram de desenvolver seu estilo próprio.

A preferência pessoal de Sawada era por paisagens, mas em nenhum momento influenciava a vontade dos alunos. Cada um tinha a liberdade de desenvolver seu estilo próprio, mesmo que esse estilo fosse muito diferente do mestre.

Orientações como: “uma paisagem fica mais bonita se tiver um caminho que vai para longe...” ou “olhe as árvores, veja de que cor elas são.” também se tornaram inesquecíveis aos seus discípulos. O amor pela natureza, o olhar atento e contemplativo, sem pressa, absorvendo o que o momento tem de melhor.

Outra característica importante do professor, lembrada pelos alunos, era a forma de incentivo, sempre entusiasmada. Expressões como: “Muito bom” ou “Pintar com o coração”, foram as frases que marcaram os alunos de forma afetiva e incentivadora.

Sawada orientava seus alunos para que pintassem com aquarela, por ser um material de fácil manuseio e de preço acessível, mas um aluno conta que havia liberdade no uso de outras tintas ou lápis e que ele mesmo preferia o lápis de cor. Esta preferência era respeitada pelo professor que em momento algum o impediu de usá-lo.

A observação da natureza sempre foi uma constante. Sawada saía com sua turma pela cidade, ora na praça, ora em algum jardim, para que os alunos pintassem observando lugares reais.

Todos se lembram de sua postura serena levando o trabalho a sério. Todos os entrevistados contam que raramente viram o professor dando bronca em algum aluno, porque sabiam que ali não era lugar de bagunça ou brincadeira.

Ao serem questionados sobre um hábito comum das crianças de amassar o trabalho e jogá-lo fora para começar outro, todos disseram que isso não acontecia. Sempre havia motivação para continuar e o professor nunca desvalorizava um trabalho feito. Isso não significava falta de uma análise crítica sobre o trabalho, ao contrário, algumas cenas eram pintadas repetidas vezes, se o aluno assim o desejasse. A orientação do professor era: “da próxima vez ficará melhor”. A produção de cada criança era sempre valorizada e respeitada de maneira séria e sincera. Desenhos com narrativas também eram escutados com atenção pelo professor, numa atitude de total interesse e respeito pelo trabalho apresentado. Um aluno nos conta que sempre gostou de construir desenhos com um “roteiro” subentendido e que ao contar suas histórias recebia total atenção do professor.

Herbert Read ressalta essa postura quando cita o *Handbook*, manual de orientação para os professores britânicos:

O bom professor de Arte sempre levará seus alunos e seus desenhos completamente a sério. Talvez isso seja mais importante que todo o resto, sendo, também, o meio de levar as crianças a exigir o melhor delas mesmas. [...] Essa seriedade surge facilmente no professor quando ele percebe que seu trabalho com as crianças pode, no final, fornecer-lhes a chave para a compreensão da arte no mais amplo sentido. (READ, 2001. p. 260)

O “deixar experimentar”, sem a colocação de estereótipos ou preconceitos, talvez tenha sido o grande estímulo gerador para que o trabalho fosse encarado seriamente pelas próprias crianças. Cada um sempre teve orgulho daquilo que produzia durante as aulas.

Quanto ao ambiente proporcionado por Sawada em suas aulas, havia um convívio informal entre os alunos de idades diferentes. Essa formação de grupos heterogêneos contribuía e muito para o respeito e a troca de experiência entre os próprios alunos. Os alunos se lembram claramente que quando alguém colocava objetos em um canto para desenhar, poderia deixá-los lá até a próxima aula sem que ninguém mexesse.

Nota-se, na maioria das produções feitas pelos alunos, algumas características em comum, como riqueza de detalhes e pintura preenchendo todo o desenho, inclusive o fundo.

Podemos supor a orientação dada pelo professor quanto a esses detalhes na hora da observação de uma cena ou durante a pintura, entretanto, cem por cento dos entrevistados não se recordam de tais orientações. Apenas um se recorda da orientação para não ser deixado grande espaço livre no desenho, pois, para o professor, esse tipo de pintura era para “pintor de paredes”, porém não se recorda do professor “exigindo” que o fundo fosse todo pintado.

Os entrevistados não conseguem identificar se os desenhos eram ricos em detalhes por orientação do professor ou por gosto pessoal. Lembram-se da orientação para “observarem o ambiente”. Apesar de algumas características em comum, não se nota a interferência do traço adulto em qualquer obra. Ao contrário, os entrevistados relatam que o professor só ajudava no desenho quando necessário e se o aluno assim o solicitasse, caso contrário não havia interferência.

A totalidade dos entrevistados demonstra grande carinho pelo professor. Apontam que o contato de amizade e respeito existente ia além da simples relação professor-aluno. Um dos entrevistados, que é artista, ao ser questionado da importância do professor Sawada na sua vida, respondeu imediatamente: “O Sensei está comigo todos os dias.” Todos afirmam ter encontrado no “Sensei” mais do que um professor, mas uma figura de pai, preocupando-se com seus discípulos não só durante a aula, mas com a formação global dos alunos apor meio de conselhos de vida.

Todos os anos, o professor Sawada selecionava e enviava trabalhos de seus alunos para concursos no Japão. Questionados a este respeito, os entrevistados julgaram importantes tais concursos, mas ressaltam que não havia nenhuma pressão do professor para que participassem. Tudo era encarado de forma natural. Evidentemente, todos queriam ganhar prêmios e ficavam um pouco chateados quando isso não acontecia, mas isso não lhes causou quaisquer marcas, traumas ou tristezas demasiadas. Ao contrário, a não premiação lhes servia de incentivo. Muitos foram os alunos premiados.

Takeo Sawada, entretanto, nunca enviou trabalhos próprios para esses concursos. Todas as exposições realizadas no Brasil sempre foram

organizadas por amigos ou entidades que queriam homenageá-lo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que podemos observar na prática pedagógica de Takeo Sawada é principalmente o uso da intuição e do bom senso no relacionamento com as crianças. Apesar da dificuldade de comunicação causada pela distância da língua, o mestre Sawada preocupava-se muito mais com a formação de seus alunos do que com a transmissão de técnicas. A experiência, a observação e a descoberta parecem ter sido seu maior foco de interesse com as crianças.

Mesmo sem ter estudos sobre psicologia ou metodologias educacionais, em suas ações e atitudes revelam pressupostos teóricos defendidos por psicólogos e pedagogos como o papel do professor como mediador e desafiador da própria descoberta. Soluções não prontas, mas questionamentos sobre o trabalho e a apresentação de alternativas de soluções, mostram seu respeito ao estágio de desenvolvimento de cada aluno. O ambiente envolvido pelos trabalhos já prontos, a convivência entre diferentes idades e estágios de desenvolvimento, o clima de concentração e observação criado nas aulas, tudo isso contribuindo para uma experiência pessoal única de cada aluno com o universo da arte e da criatividade. A orientação sutil, da qual muitos nem mesmo se recordam, resultava em um trabalho de construção do conhecimento orientado quando necessário, mas conservando as características próprias de cada um.

Assim, mesmo trabalhos com características comuns, conservam o gosto e o traço próprio do aluno. Nenhum aluno tornou-se continuação de seu mestre, copiando seu estilo. Hoje, vários alunos tornaram-se artistas criando estilos próprios bastante distintos entre si e do

mestre. O que ficou marcado na memória dessas crianças e adultos para sempre foi a presença de um amigo, de um orientador. O “Sensei”, que com seu jeito calmo, equilibrado, sempre tinha uma palavra certa de incentivo. Talvez por decorrência de sua própria história, preocupava-se em formar seus alunos para observar e se encantar com o mundo a sua volta e sempre, como ele mesmo costumava dizer, “força ter”.

Este talvez seja o papel principal do educador. Permeiar o processo de aprendizagem, respeitando o estágio de desenvolvimento de cada um, seus interesses e características, desafiando-o a novas descobertas. Incentivá-lo para que possa vivenciar suas próprias experiências, sabendo que permanecerá por perto para orientá-lo sempre que necessário, muito mais como um amigo do que como um técnico.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, A. M. T. B. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- BARBOSA, A. M. T. B. **Arte-Educação no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 5.692 de 11 de agosto de 1971**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5692.htm>. Acesso em: 16/09/2010.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5692.htm>. Acesso em: 16/09/2010.
- BRASIL. Secretaria de Estado da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: MEC, 1999.
- MARTINS, M. C.; PICOSQUE, G.; GUERRA, M. T. T. **Didática do ensino de Arte**. São Paulo: FTD, 1998.
- READ, H. **A educação pela arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1982
- SAWADA, T. **Flamboyant**. Presidente Prudente: Fundação Museu e Arquivo H. Municipal, 1990.